

## **Contribuições para a escrita da história da produção acadêmica sobre Leitura, no Brasil – 1965 a 1979.**

Norma Sandra de Almeida Ferreira  
Faculdade de Educação / Grupo de pesquisa ALLE – Unicamp

GT: Alfabetização, Leitura e Escrita

Email:normasandra@directnet.com.br

A leitura, enquanto objeto de investigação, tem sido compreendida, nesses 40 últimos anos, como um fenômeno complexo que emerge de forma crescente e densa em distintos lugares e condições de produção, e que se inscreve em inúmeras relações no interior de uma rede formada por diferentes áreas de conhecimento, perspectivas teórico-metodológicas e enfoques temáticos.

A identificação da produção acadêmica já construída sobre Leitura (Ferreira, 1999, 2001, 20003) permite-nos dizer que ela não se configura como acumulação de temas, olhares e vozes, não remete a uma única idéia ou conceito do que seja leitura, não propõe uma única solução para resolver sua ausência ou para intensificar sua presença.

Neste texto, pretendemos buscar, a partir da leitura e análise das primeiras pesquisas defendidas no Brasil, como este objeto emerge enquanto específico e distinto, da área do ensino da leitura e da escrita ou do ensino da literatura, formando, ao longo do tempo, um campo de produção em torno de si mesmo. Quais os contornos que a Leitura, inicialmente assume, quando tomada por objeto por alguns pesquisadores brasileiros?

Nesta discussão, focaremos a produção acadêmica localizada nos anos de 1965 a 1979, considerado um primeiro período dentro de um tempo maior que se estende de 1980 a 2000, e que reúne 398 dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas nos programas de pós-graduação em Educação, Psicologia, Letras, Lingüística, Biblioteconomia e Comunicações (Ferreira, 1999, 2001 2003).

O desafio de investigar e escrever uma história da produção acadêmica no Brasil enfrenta inúmeras dificuldades quanto à localização dos dados registrados e disponíveis aos pesquisadores. Para acessar quais foram as primeiras pesquisas, por exemplo, em leitura, o

pesquisador depara-se com uma quase ausência de registro desta produção em catálogos impressos ou on-line, produzidos pelos programas de pós ou pelos órgãos de fomento à pesquisa. Muitas vezes, as informações localizadas são apoiadas em dados incompletos e com erros, registradas nos catálogos impressos ou banco de dados on-line, que por sua vez, nem sempre podem ser acessados. É comum o pesquisador deslocar-se, fisicamente, para os centros de produção de pesquisas e fazer a consulta “garimpando” arquivos das bibliotecas, conversando com funcionários da instituição e conferindo informações já localizadas em fontes impressas e informatizadas.

Até o momento de nossa investigação, a primeira pesquisa localizada sobre Leitura foi a tese intitulada *Significado de alguns fatores psicológicos no rendimento em leitura*, de Maria José Aguirre, apresentada em concurso de livre-docência à cadeira de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1965 (Ferreira, 1999).

A data da pesquisa, 1965, coincide com o momento de implementação da pós-graduação no Brasil, de forma melhor definida e institucionalizada em seus níveis e finalidades através do parecer CFE nº 977/65.

Segundo Sucupira, no prefácio assinado por ele, na obra de Oliveira (1995):

*o ano de 1965 constituiu, sem dúvida, o marco decisivo da pós-graduação brasileira. Nesse ano o Conselho Federal de Educação, pelo Parecer 977/65, de nossa autoria, definiu a pós-graduação em termos de mestrado e doutorado e estabeleceu as normas gerais de sua organização e funcionamento. O parecer 977/65, na realidade, deu forma precisa às experiências de pós-graduação, naquela época vacilantes, e fixou sua estrutura e suas linhas básicas que ainda hoje permanecem inalteradas em sua essência. (p.10).*

Nesse ambiente, é visto como necessária a criação de condições para a formação nacional de um corpo permanente de cientistas, que até então se fazia fora do Brasil e atendendo a um número restrito de pessoas, ou ainda, segundo um modelo “artesanal” no interior de cada universidade. Nessa ocasião, o trabalho ainda isolado e pioneiro de Aguirre aponta para uma pesquisa que ainda não é produto de um programa de pós já definido e solidificado, mas que marca o surgimento do interesse pela Leitura, concomitantemente ao início da preocupação com a formação de uma “massa crítica” científica no país.

O trabalho de Aguirre (1965) é fruto de uma outra investigação realizada por ela própria dois anos antes, financiada pela FAPESP, à qual se refere, na sua tese de livre-docência como:

*Um estudo preliminar sobre o problema do rendimento em leitura em alunos da escola primária, estudo esse que de há muito nos parecia necessário sempre que atendíamos a casos isolados de criança com dificuldades para ler ou para aprender a ler. (...) O problema da leitura, em nosso meio, já tem sido tratado por nomes de grande projeção, destacando-se os dos professores Lourenço Filho e da Professora Ofélia Boisson Cardoso. Neste vasto campo de estudos há, no entanto, muito a realizar. Conhecemos a porcentagem de alunos reprovados ao fim do primeiro ano de estudos, mas não sabemos que parte desse total é devido à dificuldade específica para a leitura, chamada por muitos de dislexia, que algumas crianças apresentam. Esse aspecto do problema que em outros países já tem sido amplamente investigado conta, entre nós, apenas com alguns estudos isolados e de pequeno porte. (p.iv).*

Em sua justificativa pelo interesse por este objeto de investigação, a autora aponta para um estudo preliminar, pouco investigado entre nós, e que exige trabalhos de maior porte, compondo com outros ainda isolados. Destaca também a ausência e precariedade de estudos sobre leitura. Por quê?

De um lado, urgente e necessário, porque se esboça no campo multifacetado e entrecruzado: no social, onde estão nossas crianças; no educacional, que remete às nossas escolas públicas primárias, às implicações pedagógicas, a um alto índice de reprovação.

De outro lado, igualmente urgente e necessário, porque, embora amplamente discutido por pesquisadores de grande projeção, preocupados com a qualidade da educação de nosso país, é ainda pouco explorado como um problema específico e distinto do aprender ou não a ler e a escrever, pouco delimitado em relação às dificuldades de leitura.

No primeiro caso, são inquietações daqueles momentos iniciais de produção deste campo de conhecimento, que ainda persistem ao longo desses últimos 40 anos, como a questão da leitura, ligada ao índice de reprovação de alunos na escola, à relação leitura-escola-alfabetização, à necessidade de identificar e avaliar melhor as dificuldades específicas para ler e aprender dos alunos. Tais preocupações poderiam tranquilamente ser transpostas para os dias de hoje e ser facilmente ouvidas, lidas e debatidas na mídia, nos programas de políticas públicas, nos encontros com educadores e em congressos

específicos da área. Discussões que parecem apontar para um problema sem solução em nosso país e sempre alarmante, culpabilizando-se ora o método de ensino, ora o aprendiz ou ainda, quem ensina, ou o material dado a ler, o programa oficial, tal perspectiva teórico-metodológica.

No segundo caso, uma advertência de que a leitura enquanto distinta e, ao mesmo tempo, parte da alfabetização, merece atenção, “tratamento” específico e diferenciado de dificuldades relacionadas a outras variáveis.

Aguirre delinea um objeto que deve ser estudado, aproximando-se do que Soares (1998), citando Smith, aponta no artigo *Letramento: como definir, como avaliar, como medir*, mais de trinta anos depois:

*Ler e escrever são processos freqüentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, como reflexos sob ângulos opostos de um mesmo fenômeno: a comunicação através da língua escrita. Mas há diferenças fundamentais entre as habilidades e conhecimentos empregados na leitura e aqueles empregados na escrita, assim como há diferenças consideráveis entre os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e os envolvidos na aprendizagem da escrita (p.67).*

Habilidades, competências, dificuldades próprias do ato de ler ou de aprender a ler precisam ser investigadas como distintas de outras habilidades cognitivas envolvidas, por exemplo, na alfabetização, o que implicaria em um melhor conhecimento, inclusive, sobre os nossos índices de alfabetismo e de leitores<sup>1</sup>. Como diz Aguirre (1965): *Conhecemos a porcentagem de alunos reprovados ao fim do primeiro ano de estudos, mas não sabemos que parte desse total é devido à dificuldade específica para a leitura*, ou como nos diz Soares (op.cit):

*Apesar dessas diferenças “fundamentais”, as definições de letramento e avaliações nos censos nacionais ou escolares tomam freqüentemente a leitura e a escrita como uma mesma e única habilidade, desconsiderando as peculiaridades de cada uma e as dessemelhanças entre elas (uma pessoa pode ser capaz de ler, mas não ser capaz de escrever; ou alguém pode ler fluentemente, mas escrever mal) (p.68).*

Qual outro aspecto pode ser ainda destacado na justificativa de Aguirre, no momento em que ela busca mapear o seu objeto de investigação? Ao tomar a leitura como objeto, o que ela destaca? De que leitura ela está falando?

### **A leitura possível de ser medida, controlada, avaliada**

Em primeiro lugar, ela toma a leitura na dimensão interior da atividade, do processo que se desencadeia quando o leitor se depara com o material dado a ele para ler. Algo acontece e em algum lugar dentro da cabeça do leitor que interfere na aprendizagem e no rendimento da leitura no momento em que lê. O que é isto? Como e onde acontece? Como estudá-lo?

Algumas descobertas científicas dos anos 60 no campo da ciência médica colaboram na sustentação da idéia apresentada por Aguirre de que a leitura pode ser isolada, estudada em sua especificidade, pois exige habilidades situadas em lugares diferenciados dos da escrita.

Os primeiros estudos preocupados em isolar com precisão o fenômeno da leitura, citados por Aguirre, voltam-se para casos clínicos, de distúrbios neurológicos. Embora estes casos não pudessem responder a todos os outros que apresentavam problemas com a leitura, eles mapeavam, pela lesão, um lugar físico como sede da linguagem, e com ela, uma específica para o ato de ler. Apoiada na leitura das obras de Massary (1932), Nielsen (1946) e de outros pesquisadores, Aguirre cita descrições de casos clínicos registrados, como o de um professor de línguas que, certa manhã, não pôde ler os exercícios de francês que os alunos lhe haviam dado para corrigir, sendo que na véspera, à noite, havia lido e corrigido perfeitamente. Ou, o caso de um homem de 35 anos, que um dia, ao escrever uma carta, crendo haver esquecido qualquer coisa, volta ao início para completá-la, mas percebe que não consegue mais lê-la. Ele consegue escrever, até mesmo de olhos fechados, mas era-lhe impossível ler sua própria escrita, nem mesmo se impressa. Não tinha distúrbio algum da articulação, nem de compreensão de linguagem. Não podia ler o que escrevia, mas

compensava essa impossibilidade, traçando no ar com os dedos as letras que devia ler e, após alguns instantes, reconhecia a palavra escrita diante dele. (p.9).

Dentre este conjunto de estudos de base neural que foca a deficiência ou impossibilidade de reconhecimento das letras ou palavras, é que se generaliza a idéia de um comprometimento neurológico definido, possível de ser localizado também em crianças normais, saudáveis, inteligentes que apresentam dificuldade para aprender a ler as letras do alfabeto. Aguirre relata um dos casos registrados por Hinschelwood, em 1900, sobre um menino de 11 anos, que com quatro anos e meio de escola, não consegue aprender a ler, embora possuidor de uma excelente memória e parecer tão inteligente quanto os irmãos e irmãs. Sua memória auditiva era melhor que as dos outros membros da família (p.10).

Nesta perspectiva, o entendimento do objeto recai sobre como e por que a Leitura ocorre de determinada maneira no interior do indivíduo. Primeiramente estudada em seus casos clínicos de comprometimento neurológico, mas também a partir dos estudos focados nos movimentos dos órgãos ligados a esta atividade, como os de Javal (1879), Erdmann e Dodge (1898) Huey (1898), Dearborn (1906), Judd (1905), Gray (1917), Schmidt (1917), Bruswill (1920), citados por Aguirre.

Um conceito de leitura vai sendo construído, marcado por uma de suas particularidades: dificuldades de compreensão pela falta de habilidades. Este conceito implica um entendimento de que a leitura recobre determinadas habilidades ligadas também a fatores psicológicos, no campo visual, espacial, da lateralidade, da coordenação visomotora, possíveis de serem estudadas, avaliadas, controladas. E, que, a ausência ou o pouco desenvolvimento dessas habilidades são responsáveis pelo fraco rendimento na leitura, pelo fracasso na aprovação dos alunos, principalmente da escola primária.

Em segundo lugar, na justificativa de seu interesse pela Leitura, Aguirre aponta para a ausência de uma nomeação já consensual entre os pesquisadores sobre este processo, enquanto objeto pouco estudado em sua especificidade. Para ela, o termo confunde-se e é conceituado na pluralidade de expressões e na busca de sua distinção e identidade: *dificuldades de leitura, dificuldade específica para leitura, rendimento fraco, rendimento insuficiente, afasia de evolução, analfabetismo parcial<sup>i</sup>, cegueira para símbolos, dificuldade persistente de aprendizagem, dislexia, dislexia específica (para ler e escrever), dislexia de evolução*, entre outros também listados pela autora no Apêndice, nas pp. 153 e

154. Em um trecho, ela insiste na falta de precisão na nomeação do seu objeto de investigação:

*Tem-se generalizado a tendência de empregar o termo dislexia na designação de quaisquer dificuldades para aprender a ler. Ainda que etimologicamente tal denominação possa abranger genericamente qualquer distúrbio em relação á leitura, não convém utilizá-la com tal amplitude, pois estar-se-ia reunindo em uma só categoria dificuldades causadas por fatores diversos. O termo dislexia proposto por Hinschelwood (1917) referia-se às dificuldades para aprender a ler encontrada em indivíduos saudáveis, de inteligência normal ou superior e sem deficiências sensoriais. Atualmente se alguns atribuem à dislexia uma ampla conotação, outros a circunscrevem dentro de limites bem definidos. (p.1).*

Em um outro momento do trabalho, ela pontua:

*Preferimos empregar para a dificuldade em leitura a denominação dificuldade específica para leitura ou dislexia, ficando claro tratar-se de dificuldade de aprendizagem circunscrita à leitura e cuja causa, todavia, não é bem conhecida. É possível que daqui a algum tempo possamos empregar terminologia mais precisa, com base em conhecimento mais exato e completo de natureza das dificuldades na aprendizagem da leitura. No entanto, fica esclarecido que qualquer dificuldade para leitura não constitui obrigatoriamente dislexia. Isto não reduz a importância das dificuldades de leitura reveladas por muitas crianças que constituem o vasto grupo de reprovados no primeiro ano da escola do primeiro grau. (p.5) (grifo da pesquisadora).*

Na diversidade de expressões cunhadas por vários autores, pelas quais é identificada a “dificuldade em leitura”, em sua variedade de tipos e graus, aparece o anúncio da complexidade do objeto de investigação. Mas tais denominações remetem a um campo específico, o da ciência médica; e nesta perspectiva, a ausência ou dificuldade da leitura vem caracterizada como deficiência, distúrbio, síndrome, apoiada nos estudos no campo da afasia com Broca (1861) e Wernicke (1874), no começo do século XIX. Segundo Aguirre:

*A afasia, tanto no síndrome de Broca, como no de Wernicke, inclui um tipo especial de distúrbio, a alexia, que pode ocorrer também isoladamente e que mais diretamente se relaciona com o tema do presente estudo. (p.8) A alexia pura, com define Massaray (1932, p.54) é um distúrbio particular, caracterizado pela perda completa da capacidade de ler texto impresso ou manuscrito e, como*

*conseqüência, da habilidade de copiar trecho escrito, conservando embora, as outras modalidades da escrita, da palavra, da linguagem interior e de todas as faculdades intelectuais.*

Como “doença”, a leitura deve previamente ser identificada como prevenção, diagnosticada pelos seus sintomas, e tratada com programas adequados e eficientes.

Um outro aspecto que o trabalho de Aguirre aponta é para uma certa opção metodológica de pesquisa. Segundo a pesquisadora, no resumo do trabalho:

*Os sujeitos são 623 alunos do primeiro ano do curso primário, divididos segundo o sexo. Pode-se afirmar que os resultados obtidos pela população dos 623 alunos no teste de figuras invertidas (TFI) e no teste de bender revelam associação consciente com o rendimento em leitura.*

É uma metodologia de pesquisa voltada para um universo de sujeitos bastante expressivo (623), dividido em dois grupos separados por gênero (sexo) para efeitos comparativos e que busca atingir, através de testes, diferentes níveis de rendimentos na atividade da leitura: deficiente, médio, superior. Tal metodologia parece ser apropriada para um conceito de Leitura como atividade possível de ser medida em graus de dificuldade, possível de ser avaliada, controlada, estimulada, diferente em sua produtividade, em seu rendimento, de acordo com o gênero, com o nível escolar, com a idade cronológica dos sujeitos pesquisados.

### **Um olhar para as pesquisas seguintes**

Como a Leitura, enquanto objeto possível de ser estudado vai ganhando corpo e se movimentando por diferentes lugares e áreas de produção no período de 1965 a 1979?

Na construção do campo de conhecimento sobre leitura, é possível identificar o departamento de Psicologia Educacional (USP), como o lugar, de onde inicialmente se constrói a preocupação sobre o tema. No entanto, nesse período, o interesse por Leitura amplia-se por diferentes instituições (além da USP, também PUC-RS, PUC-SP, UCP, PUC-Campinas, UCN e UFRJ) e se estende para outros programas de pós: o de Letras, Educação ou Biblioteconomia, como também o da Psicologia.

A Psicologia continuará a concentrar a produção sobre Leitura durante quase duas décadas após o trabalho defendido por Aguirre. Das 27 dissertações de mestrado e teses de doutorado identificadas em consulta a catálogos on-line e impressos de diferentes programas de pós-graduação, os lugares de produção estão assim distribuídos: 13 do Instituto de Psicologia, 9 de Letras, 4 da Educação, 1 da Biblioteconomia. (Ferreira, 2003).

Esta predominância da perspectiva da Psicologia sobre a leitura, na produção localizada nesses 14 anos, destacados neste texto, pode ser sentida atentando-se para os títulos dos trabalhos, inclusive naqueles produzidos fora dos programas de pós-graduação em Psicologia. Expressões que se repetem pelos 27 títulos marcam uma certa filiação possível de ser identificada como ligada ao campo de conhecimento da Psicologia, no caso, Experimental ou Comportamental, tais como: fatores psicológicos; rendimento em Leitura; fatores psicopedagógicos; efeito de posição e de nível cognitivo de perguntas adicionadas a textos; técnica cloze; compreensão da leitura; técnica de leitura; a velocidade de leitura de pessoas cegas; efeito de um treino de discriminação na aprendizagem de leitura; prontidão; avaliação da inteligibilidade de livros didáticos; contribuição para o estudo da psicologia da leitura; estratégias de leitura; aquisição da leitura; uma análise comportamental; princípios psicológicos subjacentes à leitura; leitores relutantes (vide referências bibliográficas no final deste artigo).

A tese de doutorado de Oliveira (1972) marca a dominação do campo que emerge em torno da Leitura, como preocupação não só no Brasil. O autor coloca que entre diferentes correntes psicológicas, há uma preocupação com o tema que se avoluma:

*As últimas décadas assistiram à multiplicação enorme de publicações sobre psicologia da leitura. Além do aparecimento de numerosos livros e monografias, surgiram resenhas periódicas das pesquisas nesta área, com as de Gray para o Journal of Education Research, continuados após a morte deste, por Harris e colaboradores; os artigos preparados para as várias edições da Encyclopedie of Educacional Research; os anuários de sociedades especializadas como os da International Reading Association e da National Society for the Study of Education; e revistas especializadas como Reading Research Quarterly, Reading Teacher e outros. (p.1.6.).*

Para Oliveira, a Sociologia e a Filosofia junto com a Psicologia *são os três campos do conhecimento que reúnem as principais pesquisas em leitura. E que, embora o tema leitura interesse também à pedagogia, sobressaem nela as preocupações práticas e o interesse pela aplicação das descobertas fisiológicas, psicológicas e sociológicas sobre a leitura no campo específico da educação. (p.1.1).*

Se tomarmos o trabalho de Aguirre como marco, que traduz o primeiro interesse pela Leitura, que outros contornos vão se delineando em torno deste objeto, ainda neste período analisado? Que deslocamentos podem ser percebidos a partir do foco de interesse que parecem mover seus pesquisadores nos trabalhos mais próximos de Aguirre, no tempo?

O de Jacyra Calazans Campos (1970), segundo trabalho que se propõe a investigar a Leitura, fortalece a linha de investigação iniciada por Aguirre. Trata-se de uma dissertação de mestrado que investiga a atuação dos fatores psicopedagógicos no rendimento do aluno durante a leitura oral e silenciosa, e que tem como orientadora a própria Aguirre.

Já os de Bosi (1971) e de Oliveira (1972) sugerem que o objeto investigado - Leitura - exige outras preocupações a serem enfrentadas a partir de um olhar posto de um outro lugar.

A tese de doutorado de Paulo de Tarso de Oliveira (op.cit), por exemplo, aponta para além de uma leitura entendida em sua capacidade de ser medida, avaliada, controlada em seu rendimento, a partir da ausência ou não de algumas habilidades. Na apreciação e conceituação da leitura, o objeto passa a ser investigado também pelo material que é dado a ler e pelo leitor que é marcado por determinados interesses. Oliveira (1972) volta seu olhar para:

*Estudar a natureza dos livros didáticos de leitura usados nas escolas primárias da cidade de Passos (MG) e cidades vizinhas, considerando tanto a forma como o conteúdo do mesmo; em segundo lugar, serão analisados atitudes e procedimentos de professores quanto aos livros de leitura e a utilização deste em sala de aula; e finalmente serão explorados alguns aspectos dos interesses das crianças quanto à leitura, em termos de sexo, idade, nível de escolaridade e classe social. (1.10.).*

Considerar o material de leitura em sua ambigüidade de definição, nas implicações causadas pelos modos como ele é efetivamente utilizado na sala de aula e nas atitudes e nos

interesses dos alunos pela leitura são preocupações ainda orientadas pelos estudos trazidos pela Psicologia, mas que são ampliadas e contaminadas por outras, e não mais só as centradas em um único campo de conhecimento:

*Com isso, nossa curiosidade foi ampliada em indagações sobre o ato de ler, o conteúdo dos textos, a linguagem, a importância dos aspectos gráficos dos livros, o papel desempenhado pela leitura no contexto de interesses das crianças, as variações individuais e interesses em relação à leitura, a posição dos materiais gráficos em relação a outros meios de comunicação de massa, o grau de importância da leitura para o desenvolvimento pessoal e o ajustamento social, as diversas funções da leitura e o significado dos diversos ângulos que pode ser vista a leitura nas situações educativas. (p.2.2.).*

Ecléa Bosi, em 1971, também aponta para a complexidade do problema e para o desafio de enfrentá-lo com a colaboração de outros conhecimentos:

*(...), verificávamos a necessidade de ver com clareza toda uma problemática que rodeia e condiciona o fenômeno “leitura” no meio operário, aproximando duas áreas que a ajudariam a elucidar melhor o tratamento das respostas: 1) a área da comunicação de massa; 2) a área da cultura popular. (p.96).*

Com a tese de doutorado de BOSI (1971), a leitura ganha um outro sentido. Não mais a preocupação (poderia ser: com a leitura cognitiva?) , não mais o material de leitura da escola, não mais o leitor escolar. O interesse da pesquisadora volta-se, *em suma, para conhecer o uso da faculdade de ler feito por esse grupo de mocinhas. (p.96).*

Sua investigação anuncia um interesse pelo leitor, que nos anos 90 torna-se objeto de investigação, motivada pelos estudos da História Cultural: pelo gênero (leitoras), pela classe social (popular, sujeito comum), pelas leituras em outros lugares e com outros objetos (fora da escola), pelos usos (ligados à faculdade de ler e não às práticas culturais). Segundo Bosi, seu propósito inicial é:

*acessar os hábitos de leitura de operárias, em SP (SP); ou, em outros termos, se a cultura impressa atinge, de algum modo, a mulher que trabalha em uma fábrica de periferia de*

*SP. Quais eram as leituras habituais, qual o motivo do seu maior ou menor grau de literacidade (termo aqui usado como uso da capacidade de ler); para que tipo de comunicação escrita o grupo se dirigia em suas horas de lazer; quais as últimas leituras e que interesses imediatos elas satisfaziam com a leitura. E mais: além dos assuntos normalmente lidos e apreciados, quais os desejados pelo leitor de restritas possibilidades. Desta massa de leituras de jornais, revistas, livros, quais as notícias que mais ferem a sua sensibilidade, ficando retidas na memória por tê-lo particularmente impressionado? (p. 25).*

Os quatro primeiros trabalhos voltados para a Leitura fazem suas investigações através de coleta de dados obtidos com uma grande quantidade de sujeitos. Mas se as duas primeiras pesquisas, as de Aguirre (1965) e de Campos (1970) trazem uma opção metodológica por situações experimentais em que testes, questionários e atividades planejadas previamente podem dar visibilidade às habilidades, aos níveis, ao ritmo, implícitos no rendimento da leitura, outros rumos metodológicos vão se delineando no campo da pesquisa em Leitura, a partir de Bosi (1971) e de Oliveira (1972).

Tanto Oliveira como Bosi utilizam-se de outros procedimentos metodológicos, como entrevistas e questionários com questões mais abertas, num clima em que os entrevistados e entrevistadores possam conversar, relatar, perguntar. Assim, Bosi coloca que as operárias *Confiaram-nos recordações que as envolviam emocionalmente, às vezes empenhando toda a sua pessoa: “as coisas que a gente lê sempre parecem com a vida da gente”* (p. 27) por sentirem-se estimuladas *a falar livre e francamente, a evocar suas lembranças de leitura e a entrevistadora de esclarecer suas dúvidas, perguntar de novo pontos obscuros, enriquecendo sobremaneira as respostas* (p.28).

São pesquisas de caráter exploratório e qualitativo, ainda que apresentem tabulação de dados em tabelas de ordem estatística. Os dados quantitativos são cruzados com dados de outra natureza, instigando os pesquisadores a formularem outras questões e a buscarem outros conhecimentos não previstos no início de suas pesquisas.

### **Permanências e mudanças no debate sobre Leitura**

Ainda que tomando como fonte de indagação apenas alguns dos 27 trabalhos encontrados no período de 1965 a 1979, podemos falar sobre a importância de conhecer esta produção acadêmica, como produto dos primeiros esforços de compreensão sobre Leitura no Brasil. Esta produção aponta para questões ainda não respondidas: para a ênfase expressa ou não por determinados focos de interesse dos pesquisadores; para o escoamento de um campo específico para outros, como interligados e necessários para se estudar o fenômeno; para os caminhos metodológicos que vão e foram se delineando de forma diversa. Esta produção vai compondo modos de perceber a leitura não mais, como um gesto idêntico, possível de ser percebido pelas suas habilidades e hábitos, de investigar leitores e objetos de leitura como os marcados pela escola. E, principalmente, debruçar sobre esta produção permite indagar, de forma mais provocativa, até que ponto avançamos nas questões e inquietações levantadas nas primeiras pesquisas sobre leitura no Brasil.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGUIRRE, Maria José de Barros Fornari. *Significado de alguns fatores psicológicos no rendimento em Leitura*. São Paulo, 1965. Tese (Livre-Docência). Instituto de Psicologia, USP

BOSI, Ecléa. *Leitura de operárias: um estudo de um grupo de trabalhadoras de São Paulo*. São Paulo, 1971. Tese de doutorado. FFLCH, USP.

CAMPOS, Jacyra Calazans. *Leitura oral e leitura silenciosa: fatores psicopedagógicos que atuam no rendimento do aluno*. São Paulo, 1970. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, USP.

Ferreira, N.S.A. *A Pesquisa sobre Leitura no Brasil: 1980 – 1995*. Campinas, SP, Komedi: Arte Escrita, 2001.

---

*Catálogo Analítico de dissertações de mestrado e teses de doutorado: Leitura no Brasil (1980-1995)*, Campinas (SP), FE/UNICAMP, 1999

---

*Catálogo Analítico de dissertações de mestrado e teses de doutorado: Leitura no Brasil (1980-2000)*, Campinas (SP), FAEP/FE/UNICAMP, 2003.

OLIVEIRA, Paulo de Tarso. *Livros didáticos de leitura e interesses de escolares em leitura: contribuição para o estudo da psicologia da leitura*. São Paulo, 1972. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, USP.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. BH, MG. Autêntica, 1998.

SUCUPIRA, N. Prefácio. In: OLIVEIRA, F.B. *Pós-graduação – educação e mercado de trabalho*. Campinas (SP), Papirus, 1995.

#### **REFERÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE LEITURA, NO BRASIL, DE 1965 A 1979**

AGUIAR, Vera Teixeira de. *Interesses de leitura dos alunos do currículo por áreas de estudo e ensino de 1º grau*. Rio Grande do Sul, 1979. Dissertação (Mestrado). PUC-RS. (Orientadora: Regina Zilbermann).

AGUIRRE, Maria José de Barros Fornari. *Significado de alguns fatores psicológicos no rendimento em Leitura*. São Paulo, 1965. Tese (Livre-Docência). Instituto de Psicologia, USP.

BOSI, Ecléa. *Leitura de operárias: um estudo de um grupo de trabalhadoras de São Paulo*. São Paulo, 1971. Tese de doutorado. FFLCH, USP. (Orientador: Dante Moreira Leite).

CADORE, Luiz Agostinho. *Interesse por textos, sua leitura e interpretação em aulas no 2º grau*. Rio Grande do Sul, 1977. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras e Artes, PUC-RS. (Orientador: Elvo Clemente).

CAMPOS, Jacyra Calazans. *Leitura oral e leitura silenciosa: fatores psicopedagógicos que atuam no rendimento do aluno*. São Paulo, 1970. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, USP. (Orientadora: Maria José Barros Fornari de Aguirre).

CHOCIAY, Rogério E. *Discurso e renúncia: uma leitura crítica*. Cascavel, PR, 1979. Dissertação (Mestrado). UCPR. (Orientador: Geraldo Mattos Gomes dos Santos).

FAGUNDES, Antônio J. de Fonseca Motta. *Definição e análise de resposta de sorrir em situação de leitura de textos humorísticos*. São Paulo, 1976. Instituto de Psicologia, USP. (Orientadora: Carolina M. Bori).

FONSECA, Rose Marie Chiarelli. *Efeito de posição e de nível cognitivo de perguntas adicionadas a textos, sobre o rendimento em leitura de licenciandos da Faculdade de Educação da UFRJ*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação. Mestrado, UFRJ. (Orientadora: Lilia da Rocha de Bastos).

GARRIDO, Elsa. *A técnica cloze e a compreensão da leitura: investigação em textos de estudos sociais para a 6ª série*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado). USP. (Orientador: Nélio Parra).

GOMES, Jerusa V. *Aprender a ler: um estudo sobre compreensão do texto, na situação de sala de aula*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, USP. (Orientador: Rachel Rodrigues Kerbauy).

JARDIM, Lia Pereira. *Texto e pré-texto: o agenciamento discursivo da significação no processo metalingüístico da leitura*. São Paulo, 1978. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. (Orientador: Cidmar Teodoro Pais).

LEMOS, Edison Ribeiro. *Efeitos principais e de interação de técnica de leitura e de idade de aprendizagem do sistema Braille sobre a velocidade de leitura de pessoas cegas*. Rio de Janeiro, 1976. Dissertação Mestrado. UFRJ. (Orientadora: Lilia da Rocha de Bastos).

MACHADO, Vera Lúcia Sobral. *Efeito de um treino de discriminação na aprendizagem de leitura por privados culturais*. São Paulo, 1975. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, USP. (Orientadora: Geraldina Porto Witter).

MELO, Loureicira G. Costa. *Hábitos e interesses dos usuários da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco*. Campinas, SP, 1978. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Biblioteconomia, PUCCamp. (Orientadora: Maria Letícia de Andrade Lima).

MOLINA, Olga. *Prontidão, ensino e disciplina inicial de leitura segundo julgamento de professoras de escolas de 1º grau*. São Paulo, 1975. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, USP. (Orientador: Samuel Pfrom Netto).

MOLINA, Olga. *Avaliação da inteligibilidade de livros didáticos de 1º e 2º graus por meio da Técnica Cloze*. São Paulo, 1979. Tese de doutorado. IP, USP. (Orientador: Samuel Fromn Netto).

OLIVEIRA, Paulo de Tarso. *Livros didáticos de leitura e interesses de escolares em leitura: contribuição para o estudo da psicologia da leitura*. São Paulo, 1972. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, USP. (Orientador: Samuel Pfrom Netto).

PALO, Maria José. *O texto no espaço do problema didático-literário*. São Paulo, 1977. Dissertação (Mestrado). PUC-SP. (Orientadora: Lucrecia D. Aléssio Ferrara).

PEREIRA, Vera Regina A. *Alguns fatores envolvidos na compreensão da leitura*. Rio Grande do Sul, 1979. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes, PUC-RS. (Orientador: Augustinus Staub).

RAPHAEL, Maria José Duarte. *Influência das condições pessoais dos alunos e das metodologias usadas no rendimento de leitura em crianças de 1ª série do 1º grau*. Rio de Janeiro, 1978. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, UFRJ.

ROMEO, Eliane Regina de Araújo M. *Utilização de estratégias de leitura em estudos sociais*. Niterói, RJ, 1976. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UCN. (Orientadora: Célia Lúcia Monteiro de Castro).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Uma reflexão sobre o ato de ler*. São Paulo, 1979. Tese (Doutorado). PUC-SP. (Orientador: Joel Martins).

SILVA, Maria Cecília. *Contribuição para a leitura e análise de textos narrativos literários*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado). USP.

SILVA, Myriam Barbosa da. *O ensino da leitura segundo perspectivas de uma análise ortográfico-fonológica*. Rio de Janeiro, 1974. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, UFRJ.

SILVEIRA, Maria Helena Bresser da. *Aquisição da leitura. Uma análise comportamental*. São Paulo, 1978. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, USP. (Orientador: Carolina M. Bori).

SOUZA, Cláudia N. Roncarati de. *Princípios psicológicos subjacentes à leitura*. Niterói, RJ, 1979. Dissertação (Mestrado). Linguística e Letras, UCN. (Orientador: Jürgen Heye).

VIESSI, Vani Ruiz. *Sistema contratual para leitores relutantes: um estudo com escolares de 1º grau*. São Paulo, 1979. Tese de doutorado. IP, USP. (Orientadora: Geraldina Porto Witter).

---

<sup>i</sup> O INAF – Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (2001; 2003; 2005) é uma pesquisa que apresenta resultados diferenciados quanto às habilidades e práticas relacionadas à leitura, à escrita e à matemática da população brasileira, diferentemente do modo como os CENSOS apresentam seus índices.

<sup>ii</sup> Interessante notar que entre os 23 termos utilizados por vários autores para designar dificuldades em leitura, elencados no apêndice da tese, o termo analfabetismo (atribuído a Engler, B. 1917) já se faz presente e ligado às dificuldades do leitor com a leitura.